

CIDADE DAS ILUSÕES

Soraia Maria Silva¹

O som das caldeiras despertou Sofia de suas lembranças. Distraída com os olhos de coruja da borboleta camuflada na urdidura do telhado mergulhava nos êxtases de outrora. Sua mãe Eliane, tão linda, ensinara-lhe tudo: os dons de se arrumar, de ser tão elegante e amorosa com todos de casa. Os sapatos virados sempre me incomodavam, mesmo estando mamãe na cidade dos vivos. Sofia afastou aquele pensamento, afinal ele não lhe era mais permitido, ilusões de infância, superficialidades de conduta... Atingira o estágio onde os medos eram mais profundos. Aprendera a buscar o eixo de seu pensamento enraizando distâncias interiores. O cheiro das roupas limpas e quentes entorpeceria-lhe a alma, afastando de sua consciência o grito estridente das araras, que de quando em quando cruzavam o céu sobre o amplo galpão da lavanderia. Em seus pensamentos olhava de frente os olhos de Ana, impressionada com aquela visão, tantas vezes sonhada, pessoas conversando, burburinho de gentes e aquela fala anunciada em estranha língua, um pressentimento que à noite haveria de ser prenúncio de seu chamado. A fome das pessoas lhe devorava a alma e um estranho consolo jorrava de seu coração marejado em lágrimas contidas, o amor lhe vinha em ondas...

O refeitório já estava vazio...

De quando em quando um Eufauno de terno cinza, de corte reto, com riscado grafite e gravata dourada, insistia em lhe dizer, despertando misteriosos harmônicos em seu corpo: - eis a realidade: você está só! – eis a verdade: você está só! Você está só!

¹ Bailarina, formada pela Unicamp; mestre em Artes/Dança/Unicamp; doutora em Teoria Literária/UnB; autora de *Profetas em movimento* (Edusp, 2001), tem colaborado com artigos sobre dança na coleção Stylus da Editora Perspectiva. Atualmente é professora no Departamento de Artes Cênicas da UnB e coordenadora do Centro de Documentação e Pesquisa em Dança Eros Volússia (CDPDan). soraia@unb.br

Ele em seus passos titubeantes e saltitantes de híbridas almas prisioneiras de primitivas vozes, lhe presenteava sons guardados em múltiplas caixas prateadas de infinitas palavras que se moviam aos seus gestos. Os encontros com o Eufauno eram imprevisíveis e misteriosos e de uma sonora sensualidade. Sofia sempre se perdia diante daquela visão que parecia querer dizer-lhe algo, tirar-lhe algo.

Tudo ao seu redor sussurrava uma revelação e Sofia incapaz petrificava-se diante do fim da tarde. Caminhando em direção à casa de hóspedes, subindo as ruas de silenciosas pedras observava a solidão das casas. O vento cortava-lhe o rosto com a lembrança daquele magro fauno de cabelos compridos, ondulados e guitarra de asas negras. A casa foi construída, mas os hóspedes a que era destinada nunca vieram. Os quartos dispostos em um grande círculo de dois andares eram no seu interior e na fachada ligados por uma assembléia de madeira, 12 delas profetizavam como totens a austera espera. Toda a luz do lugar se esvaía em insubmissas frestas de onde partia um choro voraz e insistente de criança não satisfeita. Ao centro, às mesas redondas falava o ruído das toalhas de papel preenchendo o espaço de ordenações sonoras dispostas sob o peso dos vasos de ouro evocando o monótono murmúrio de uma cantiga de ninar.

Antes de subir as escadas Sofia viu o barulho das asas e ouviu a escuridão que se anunciava. Pensou mais uma vez no Eufauno e no quanto tinha se rendido a ele, aos seus olhares, e não olhares, à sua música e aos seus silêncios, ao seu sorriso, aquela mesma impossibilidade, por ele anunciada, e que tanto lhe torturava os ossos, ele viera buscar a guitarra, como no seu sonho, o último laço que os unia. Mas naquele isolamento aprendera uma fé, uma esperança e um amor que lhe curavam as manchas constantes na lembrança sempre renascida pura como o primeiro sorriso de criança nos dado em flor. Uma tristeza se anunciava aos seus gestos incertos, como a branca lâmina de um ventilador que em movimento seduz o ato fatal. Como do futuro vivia aquele dia, aquele instante cujos acontecimentos mudaram tão profundamente a sua vida. Lá fora os urubus de terno acinturado dançavam estranhas assimetrias em festa sobre a carne já apodrecida de um cadáver.

Ao som das muitas águas subia Sofia os degraus do templo, agora não mais hesitante, animada pelas certezas daqueles cingidos do além. Agora lentamente caminhava na direção dos que têm rosto, dos escolhidos. Seus cabelos longos, como os anos do seu exílio, e pretos como o infinito flutuavam com a fresca ventania que varria à hora nona, dando-lhe a aparência de uma medusa santificada. Já não mais andava na vaidade de seus próprios pensamentos, passo a passo com a certeza do azul na íris dos que se dizem deuses. Carregava nas mãos crispadas a marca profunda de seu sacrifício, cravada na carne a gravata dourada, pontilhada do ainda quente, vivo e acetinado sangue que lhe respingava o peito, bordando de pequenas flores escarlates o lindo vestido de noiva. Lá fora as andorinhas falavam a língua dos anjos, vestidas de jaspe, alegres, entoando cantigas para aquelas pequeninas pérolas que saíam da grande ostra rolando saltitantes em direção às cidades, como filhos da Luz iluminando a escuridão anunciada.